

Aplica-se para partes de obras ou capítulos. Consiste na transcrição fiel de trechos fundamentais da obra estudada e é o mais comum no início dos cursos de graduação.

Obedece algumas normas:

- toda citação deve vir entre aspas;
- após a citação, deve constar entre parênteses o número da página de onde foi extraída a citação;
- a transcrição tem que ser textual e não esquemática;
- a supressão de uma ou mais palavras deve ser indicada, utilizando-se no local da omissão, três pontos, entre colchetes [...].
- e) Nos casos de acréscimos ou comentários, colocar dentro dos colchetes [].
- O fichamento não deve conter opiniões ou posicionamentos do leitor.
- O fichamento não deve acrescentar novas informações ao que foi exposto pelo texto.
- Se houver erros de grafia ou gramaticais, copia-se como está no original e escreve-se entre parênteses (*sic*).

Exemplo¹³:

MARCONI, M.A; LAKATOS, E.M. Ciência e conhecimento Científico. *In*: _____. **Metodologia do trabalho científico**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1995. p.08-22.

“O conhecimento popular e o científico possui objetivo comum, mas o que os diferencia é a forma, o modo e os instrumentos do ‘conhecer’. Uma das diferenças é quanto à condição ou possibilidade de se comprovar o conhecimento que se adquire no trato direto com as coisas e o ser humano”. (p.10).

“Além de ser uma sistematização de conhecimentos, [...] ciência é um conjunto de proposições logicamente correlacionadas sobre o comportamento de certos fenômenos que se deseja estudar.” (p. 12-13)

“O conhecimento popular caracteriza-se (*sic*) por ser predominantemente: superficial, isto é conforma-se com a aparência, com aquilo que se pode comprovar simplesmente estando junto das coisas: expressa-se por frases como ‘porque o vi’, ‘porque o senti’, ‘porque o disseram’, ‘porque todo mundo diz’ “. (p.15)

2. Fichamento bibliográfico:

¹³ As fichas aqui elaboradas não correspondem ao conteúdo e páginas do livro de Marconi e Lakatos. Essas fichas foram elaboradas, pela autora desse material, apenas para fins didáticos.

Deve conter o nome do autor (na chamada), o título da obra, edição, local de publicação, editora, ano da publicação, número do volume se houver mais de um e número de páginas.

E no corpo do texto, um resumo sobre o assunto do livro ou do artigo, incluindo detalhes importantes sobre o tema tratado que possam ajudar ao pesquisador em sua tarefa de pesquisa, seja em que nível de for.

Exemplo:

Referência:

MARCONI, M.A.; LAKATOS, E.M. **Metodologia do trabalho científico**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1995. 214 p.

O livro trata de questões relevantes para a metodologia do trabalho científico. Seu propósito fundamental é evidenciar que, embora a ciência não seja o único caminho de acesso ao conhecimento e à verdade, há diferenças essenciais entre o conhecimento científico e o senso comum, vulgar ou popular, resultantes muito mais do contexto metodológico de que emergem do que propriamente do seu conteúdo. Real, contingente, sistemático e verificável, o conhecimento científico, não obstante falível e nem sempre absolutamente exato, resulta de toda uma metodologia de pesquisa, a que são submetidas hipóteses básicas, rigorosamente caracterizadas e subsequentemente submetidas à verificação. Mostrando todo o encadeamento da metodologia do conhecimento científico, o conteúdo deste livro aborda ciência e conhecimento científico, métodos científicos, fatos, leis e teorias, hipóteses, variáveis, elementos constitutivos das hipóteses e plano de prova - verificação das hipóteses.

3. Fichamento tipo resumo:

Pode-se utilizar esse tipo de ficha para expor, abreviadamente, as principais ideias do autor ou também para sintetizar as ideias principais de um texto ou de uma aula. A ficha de resumo deve ser breve e redigida com as próprias palavras, não precisando obedecer a estrutura da obra.

Exemplo:

MARCONI, M.A.; LAKATOS, E.M. Ciência e conhecimento Científico. *In*: _____. **Metodologia do trabalho científico**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1995. p.08-22.

O conhecimento científico se caracteriza pela possibilidade de se comprovar os dados obtidos nas investigações acerca dos objetos. Para que o conhecimento seja considerado científico, é necessário analisar as particularidades do objeto ou fenômeno em estudo. A partir desse pressuposto, Lakatos & Marconi apresentam dois aspectos importantes:

- a) a ciência não é o único caminho de acesso ao conhecimento e à verdade;
- b) um mesmo objeto ou fenômeno pode ser observado tanto pelo cientista quanto pelo homem comum; o que leva ao conhecimento científico é a forma de observação do fenômeno.

Algumas considerações:

No primeiro tipo de fichamento (citação) é o raciocínio, a argumentação do autor da obra ou do texto que "comanda" o trabalho de resumo do fichador. No segundo e terceiro tipos (bibliográfico e resumo), são os propósitos temáticos de quem estuda as obras consultadas que "comandam" a seleção das ideias, conceitos, elementos teóricos ou factuais que integrarão o resumo.

Referências:

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia Científica**. 5.ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

LEAL, E. J. M.; FEURSCHUTTE, S. G. **Elaboração de trabalhos acadêmico-científicos**. Itajaí, 2003. Material de aula.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 17. ed. São Paulo: Cortez, 1991.

A seguir, é apresentado o fichamento de um texto:

Exemplo de fichamento de citação

HALL, Stuart. Identidade Cultural e Diáspora. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n.24, p.68-75, 1996¹⁴.

“Ao invés de tomar a identidade por um fato que, uma vez consumado, passa, em seguida, a ser representado pelas novas práticas culturais, deveríamos pensá-la, talvez, como uma ‘produção’ que nunca se completa, que está sempre em processo e é sempre constituída interna e não externamente à representação. Esta visão problematiza a própria autoridade e a autenticidade que a expressão ‘identidade cultural’ reivindica como sua.” (p.68)

“Dois caminhos da identidade cultural: pelos termos desta definição, nossas identidades culturais refletem as experiências históricas em comum e os códigos culturais partilhados que nos fornecem, a nós, como um ‘povo uno’, quadros de referência e sentido estáveis, contínuos, imutáveis por sob as divisões cambiantes e as vicissitudes de nossa história real. Tal ‘unidade’, subjacente a todas as diferenças de superfície [...]”(p. 68)

“A busca por esse tipo de identidade tem impulsionado muitas produções no campo da representação visual e cinematográfica atualmente. Dentro desse assunto o autor se pergunta qual a natureza dessa ‘busca profunda’, e se essas práticas se baseiam apenas na redescoberta ou também na produção da identidade. A resposta vem com exemplos de movimentos sociais (feminista, anti-colonialista, anti-racista), orientados pela busca de ‘histórias ocultas’ e também cita o trabalho fotográfico de toda uma geração de artistas jamaicanos e rastafarianos [...] que dão testemunho do contínuo poder de criação dessa concepção de identidade no âmbito das práticas emergentes de representação.” (p. 69)

¹⁴ Elaborado por mim.

“Esta segunda posição reconhece que, assim como muitos pontos de similaridade, há também pontos críticos de diferença profunda e significativa que constituem ‘o que nós realmente somos’; ou melhor – já que a história interveio – ‘o que nós nos tornamos’ [...]”

Neste segundo sentido, tanto é uma questão de ‘ser’ quanto de ‘se tornar, ou devir’. [...]. As identidades culturais provêm de alguma parte, têm histórias. Mas, como tudo o que é histórico, sofrem transformação constante.” (p. 69)

“Somente dessa segunda posição é que podemos compreender corretamente o caráter traumático da ‘experiência colonial’ [...]. Na história do mundo moderno, há poucas experiências mais traumática do que essas separações forçadas da África [...]. Os escravos [...] eram de diferentes países, comunidades tribais, aldeias, tinham diferentes línguas e deuses.”

“Uma coisa é posicionar um sujeito ou um conjunto de pessoas como o Outro de um discurso dominante. Coisa muito diferente é sujeitá-los a esse ‘conhecimento’, não só como uma questão de dominação e vontade imposta, mas pela força da compulsão íntima e a conformação subjetiva à norma. [...] A expropriação íntima da identidade cultural deforma e leva à invalidez.” (p. 70)

“A Identidade Cultural não possui “uma origem fixa à qual podemos fazer um retorno final e absoluto. [...] Tem suas histórias – e as histórias, por sua vez, têm seus efeitos reais, materiais e simbólicos. O passado continua a nos falar. [...] As identidades culturais são pontos de identificação, os pontos instáveis de identificação ou sutura, feitos no interior do discursos da cultura e da história. Não uma essência, mas um posicionamento.” (p. 70)

“Podemos pensar nas identidades negras do Caribe como ‘enquadradas’ por dois eixos ou vetores em ação simultânea: o vetor de similaridade e continuidade; e o vetor de diferença e ruptura.” (p. 70)

“O paradoxo é que foram o desenraizamento da escravidão e do tráfico e a inserção na grande lavoura (bem como na economia simbólica) do mundo ocidental que ‘unificaram’ esses povos através de suas diferenças, no mesmo momento em que eles eram privados do acesso direto a seu passado.” (p. 70)

“Nos meus tempos de criança, nas décadas de 1940 e 1950 [...] eu nunca ouvi ninguém se referir a si mesmo ou a qualquer outra pessoa como tendo sido no passado, em algum tempo, de alguma forma, ‘africano’. Somente na década de 1970 foi que essa identidade afro-caribenha tornou-se historicamente disponível para a grande maioria do povo jamaicano, em seu país e no exterior. [...] Essa profunda descoberta cultural [...] só pôde ser feita através do impacto na vida popular da revolução pós-colonial, das lutas pelos direitos civis, da cultura do rastafarianismo e da música reggae [...]”

“A ‘África’ original não se encontra mais lá. Já foi muito transformada. A história, neste sentido, é irreversível. Não devemos ser coniventes com o Ocidente, que justamente normaliza a África e dela se apropria, congelando-a nalguma zona imemorial do passado primitivo imutável. A África, por fim, deve ser levada em conta pelo povo do Caribe, mas não pode, em nenhum simples sentido, ser recuperada.” (p. 73)

“A África adquiriu um valor imaginativo ou figurativo, que podemos sentir e nomear.” (p. 73)

“A experiência da diáspora, como aqui a pretendo, não é definida por pureza ou essência, mas pelo reconhecimento de uma diversidade e heterogeneidade necessárias; por uma concepção ‘identidade’ que vive com e através, não a despeito, da diferença; por hibridização. Identidades de diáspora são as que estão constantemente produzindo-se e reproduzindo-se novas, através da transformação e da diferença.” (p. 75)